

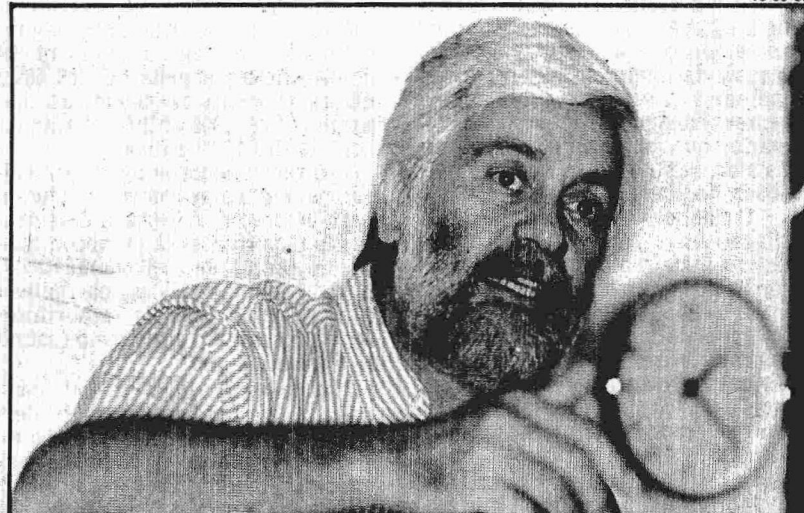
Salário menor trará estabilidade de preços

LÉA CRISTINA

Inflação: estabilidade temporária à vista! Segundo economistas, nos próximos dois ou três meses, as taxas que medem o comportamento do custo de vida devem ficar entre 10% e 15%. Alguns acreditam, inclusive, que agosto apresentará índices inferiores aos de julho, que, por sua vez, terá taxas acima das registradas em junho. A causa é, basicamente, uma só: a forte redução de demanda, decorrente da queda real dos salários. Daí para frente, a questão dependerá do comportamento do déficit público.

O que os economistas não conseguem imaginar é de onde o Presidente Fernando Collor teria tirado a previsão de queda drástica em agosto, para uma taxa em torno dos 3%. E fazem um alerta ao Executivo: foi justamente a previsão de inflação zero que tirou a graça da queda de inflação dos 80%, em março, para a taxa de um dígito em maio.

Segundo o economista do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibrec) e Diretor do Banco Marca,



Emar Bacha: sem redução do déficit público, estabilidade terá vida curta

Francisco de Assis Moura de Mello, as taxas de inflação, a curto prazo, ainda dependem da manutenção dos níveis salariais, do controle das tarifas públicas e do comportamento das vendas. Moura de Mello — um dos criadores da estrutura de cálculo dos índices do Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE) — diz que as consequências das liberações de preços da última semana serão divididas entre os meses de julho e agosto, e por isso, não deverão trazer maiores transtornos.

Já o economista Emar Bacha ressalta que, a exemplo do que aconte-

ceu em outros pacotes econômicos — como o Plano Verão —, esta estabilidade nos próximos dois ou três meses deverá manter-se por período relativamente curto, já que, em sua opinião, o Governo não está tratando de resolver as reais causas da inflação, como o déficit público:

— Esta estabilidade é decorrente de um processo de repressão à inflação, já que as causas básicas não estão sendo eliminadas — diz ele, acrescentando que as experiências do Governo Collor na área monetária não estão alcançando sucesso e que o segundo semestre é um período em que o Executivo gasta mais.

O Diretor Adjunto do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre), da Fundação Getúlio Vargas, Ângelo de Souza, garante que, a curto prazo, a aceleração da inflação foi contida. Analisando o comportamento do Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M), da FGV, ele diz que os aumentos de preços de junho para julho serão menores do que do período imediatamente anterior e prevê que, este mês, a taxa será ligeiramente superior aos 9,94% de junho.